

Minha experiência de Brasília My Brasília experience

Oscar Niemeyer

Brasília representa para todos que nela colaboraram uma experiência tão cheia de lutas e ensinamentos que nunca poderá ser esquecida. Isso senti desde os primeiros contatos com o problema, desde os primeiros estudos realizados, convicto de que se tratava de uma tarefa gigantesca e necessária, de uma tarefa fundamental para o nosso País. Entretanto, a grande experiência foi, sem dúvida, permanecer em Brasília e participar, como milhares de brasileiros, dessa longa aventura, da qual — como eles — guardo uma grande saudade. Não se tratava apenas de uma oportunidade profissional, embora da maior importância, mas de um movimento coletivo, de um empreendimento extraordinário que exigia e suscitava devoção e entusiasmo, unindo todos os que dêle participaram numa verdadeira cruzada, superando os obstáculos mais penosos, as oposições mais odiosas, as incompreensões e contratempos mais duros e inesperados. Tínhamos na verdade uma tarefa a cumprir e desejávamos fazê-lo no prazo estabelecido. E isso, precisamente, criou um espírito de luta, uma determinação que antes desconhecíamos, estabelecendo entre chefes e subordinados, operários e engenheiros, um denominador comum que a todos nivelava, uma afinidade natural e espontânea que as diferenças de classe, ainda existentes entre nós, tornam quase impossível.

Lembro-me, com admiração, no entusiasmo com que Juscelino Kubitschek conduziu o empreendimento durante três anos, lutando decididamente contra a oposição mais obstinada, promovendo reuniões, organizando e criando os meios de realizá-lo, batalhando sem desfalecimento, diariamente, contra todos os obstáculos. Entusiasmo que se estendeu a todos os seus auxiliares, como um exemplo, uma palavra de ordem e de fé, fazendo com que se desdobrassem nas tarefas dêle recebidas, tarefas que acompanhava atento, com desvêlo e compreensão. Ésse o espírito que prevaleceu em Brasília e que os operários — vindos dos lugares mais lingücos — assimilaram com

Primeiro nos veio o impacto de mudar, muitas vezes de uma cidade adiantada, para aquele imenso e desolado sertão / First there was the jolt of moving, often from an up-to-date city, to that spreading wilderness of back country

um poder de adaptação e sacrifício admirável, verdadeiros e modestos heróis dessa esplêndida jornada. E a eles se incorporaram os empreiteiros de Brasília que, longe de todos os recursos, souberam com dedicação, dentro do possível, cumprir os prazos — curtos demais — que lhes foram impostos, construindo, por exemplo, o Palácio da Alvorada em doze meses, tempo em geral exigido para a construção de uma simples residência; ou o Palácio do Congresso, em que a estrutura arrojada de Joaquim Cardozo não constituiu impecilho nem motivo de atraso na sua execução.

Comecei a pensar em Brasília certa manhã — setembro de 1956 — quando Juscelino Kubitschek, descendo de seu carro na estrada da Gávea, parou no meu portão e, levando-me para a cidade, expôs o problema. Minha primeira reação decorreu do interesse que essa obra representava, interesse profissional e afetivo, pois via nela empenhado Juscelino Kubitschek, velho amigo a quem me ligavam outros trabalhos, outras dificuldades, e uma antiga e permanente amizade. Daí em diante passei a viver em função de Brasília.

Dos primeiros tempos confesso guardar ainda uma certa amargura. Foram os dias dedicados ao Plano Piloto de Brasília, solução que teve meu total apoio, levando-me, mesmo, a recusar o convite feito antes por Juscelino Kubitschek para elaborar aquêle projeto e a aceitar, apenas, os prédios governamentais. Embora honestamente realizado, o resultado do concurso desgostou a alguns, pois representava obra por demais importante, provocando a paixão com que muitos se deixaram marcar. Ainda me vêm à lembrança certos incidentes, certas passagens que me fizeram descrever de muita coisa. Pela primeira vez senti como é forte a luta profissional e como a muitos domina, fazendo-os desprezar amizades e compromissos, em função exclusiva de uma ambição profissional ilimitada. Mas senti, também, que a êstes faltava uma concepção mais realista da vida, que os situasse dentro da fragilidade das coisas, tornando-os mais simples, humanos e desprendidos. Não sou dos que só vêm o lado negativo dos homens; em tudo encontramos uma parcela favorável e positiva, e isso me permitiu compreendê-los sem ressentimentos.

Com a escolha do projeto de Lucio Costa, a situação se esclareceu. Não se tratava apenas de um admirável projeto, mas, também, de

um homem puro e sensível, de um grande amigo com o qual me poderia entender.

Minha primeira visita a Brasília, — de poucas horas —, foi juntamente com a comitiva do govêrno que ia tomar contacto com o local. Na segunda, demorei-me vários dias, colaborando com alguns amigos que, comandados por João Milton Prates, construíam o Catetinho, obra que ficou como o primeiro exemplo de puro entusiasmo.

Os projetos iniciais de Brasília foram elaborados na antiga sede da NOVACAP, na Av. Almirante Barroso, Rio de Janeiro. Minha preocupação era encontrar — sem limitações funcionalistas — uma forma clara e bela de estrutura que definisse e caracterizasse os edifícios principais — os Palácios propriamente ditos — dentro do critério de simplicidade e nobreza, indispensável. Mas preocupava-me, como hoje, fundamentalmente, que êsses prédios constituíssem qualquer coisa nova e diferente que fugisse à rotina em que a arquitetura atual vai melancolicamente se estagnando, proporcionando, assim, aos futuros visitantes da nova capital, uma sensação de surpresa e emoção que a engrandecesse e caracterizasse. Lembrava-me da Praça de S. Marcos na Itália, do Palácio dos Doges, da Catedral de Chartres, de todos êsses monumentos que justamente acabava de conhecer, obras que causam um impacto indescritível pela beleza e audácia com que foram realizadas, sem nêle interferirem razões técnicas ou funcionais. É a beleza plástica apenas que atua e domina, como uma mensagem permanente de graça e poesia.

Com relação aos outros prédios — os prédios urbanos — desejava estabelecer uma disciplina que preservasse a unidade dos conjuntos, fixando, para os mesmos, regras e conceitos com o objetivo de evitar, inclusive, as tendências formalistas que vêm desvirtuando a arquitetura brasileira. E com essa intenção, organizamos posteriormente um serviço especial de aprovação de plantas, onde, intransigentemente, mantivemos êsse critério, recusando as soluções que pudessem comprometer a arquitetura e estabelecer um precedente lamentável, com a repetição de formas características dos prédios governamentais, ou simplesmente exóticas e desproporcionadas.

Em junho de 1958, começamos a sentir a conveniência de mudar para Brasília, a fim de dar fiscalização direta às construções em andamento e ao trabalho, inclusive aos novos

projetos, o ritmo contínuo e acelerado que somente um regime de tempo integral poderia garantir. Com êsse objetivo chegamos a Brasília numa manhã de agosto. Éramos quinze. Todos amigos, todos guiados pelo mesmo idealismo. Primeiro nos veio o impacto de mudar, muitas vêzes de uma cidade adiantada, para aquêle imenso e desolado sertão. Depois, a nostalgia da distância, a ausência da família e dos amigos, do ambiente em que se vivia; daí decorrendo os problemas, os mais íntimos e irreprimíveis. Receávamos sempre receber uma notícia triste e irreparável, e isso com o tempo forçosamente teria que ocorrer. A primeira partiu de Brasília e a recebi em viagem, ainda em Belo Horizonte. Foi a morte de nosso querido amigo Walter Garcia Lopes — o Eça — que conosco veio para aqui, começando cheio de entusiasmo uma nova vida, que o destino brutalmente cortou. Depois a morte de Bernardo Sayão, grande companheiro, e, finalmente, um chamado do Rio levou-me desolado a abraçar meu pai pela última

Minha primeira visita à Brasília — de poucas horas — foi juntamente com a comitiva do govêrno que ia tomar contacto com o local / My first visit to Brasilia — only a few hours — was in company with the government committee that went to inspect the site





As chuvas intensas cobriam as estradas de lama / Heavy rains were falling and roads were deep in mud

vez. Não podemos dizer que as condições encontradas fossem satisfatórias. Não tínhamos luz, nem água quente, e as refeições, servidas nas obras, deixavam muito a desejar. As chuvas intensas cobriam as estradas de lama, dando-nos, habituados ao asfalto, um grande mal-estar. Contudo, prevaleceu, com surpresa, um entusiasmo, uma determinação e um espírito esportivo que afastavam dificuldades, reunindo-nos à noite, após o trabalho, em longas e reconfortantes conversas. Sentíamos, por outro lado, que colaborávamos numa obra importante: uma cidade que surgia como uma flor naquela terra agreste e solitária. E isso

nos permitiu ajudar a concluir em três anos uma tarefa notável pelas suas proporções e complexidade, abrindo estradas e avenidas, construindo palácios, apartamentos, escolas, mercados, residências, igrejas, etc. Sabíamos das dificuldades que teríamos de enfrentar, das incompreensões involuntárias que nosso trabalho provocaria: contra tudo lutamos resolutamente, certos de que somente assim daríamos a colaboração esperada, somente assim o manteríamos dentro da unidade indispensável.

Recordo-me de alguns episódios inevitáveis. Modificações sugeridas em nossos projetos,